



# A pandemia pode servir de pretexto a "maiores restrições à imigração"

**Jorge Malheiros** Geógrafo e investigador na área das migrações e da demografia, avisa que a pandemia pode contribuir para o regresso à lógica dos estados-nação, mas também pode traduzir alguns ganhos na coesão territorial do país

## Entrevista

**Natália Faria** Texto  
**Daniel Rocha** Fotografia

A pandemia poderá descambar em maiores restrições aos fluxos migratórios, com a crise e a necessidade de controlo da doença a servirem de pretexto ao ressurgimento da lógica de estado-nação. Quem é o diz é Jorge Malheiros, geógrafo e investigador do Centro de Estudos Geográficos do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, para quem o impacto demográfico da pandemia dependerá do quão eficaz for a recuperação económica. Por ora, uma certeza: a pirâmide etária vai ficar "um bocadinho mais gorda" no meio. **Qual será o impacto da pandemia na estrutura populacional portuguesa a médio e longo prazo?**

A pandemia vai no imediato reduzir o número de pessoas no topo da pirâmide etária por causa da incidência diferencial da mortalidade causada pela covid-19 nos grupos etários acima dos 80 e dos 70 anos. E, dependendo da repetição ou não de surtos muito violentos como o que tivemos no início do ano, podemos ter uma redução da esperança média de vida, sobretudo nos maiores de 60

e 70 anos. Mas será uma coisa pequena. Embora os cerca de 17 mil óbitos por covid-19 sejam significativos em termos absolutos, e tenhamos ainda de considerar a sobremortalidade por efeito de outras doenças (os indicadores dão-nos conta da grande redução das consultas e de diagnósticos), esta redução nos grupos etários mais elevados não será muito significativa em termos relativos. E, portanto, a pandemia não vai travar o processo de envelhecimento populacional, porque os nascimentos reduziram-se também. Logo, o topo da pirâmide pode diminuir, mas a base também não alarga. Ficamos é com o meio da pirâmide etária um bocadinho mais gordo. E o meio resiste porque tem menos mortalidade e também porque a emigração no curtíssimo prazo é muito reduzida, face às restrições à mobilidade, mas também a uma tendência para um certo regresso a lógicas do estado-nação.

**E a longo prazo veremos a população reduzida?**  
Se admitirmos que vamos conseguir ter uma imunidade elevada, e que esta doença passará a ter uma incidência baixa em termos de mortes, como a gripe, regressaremos rapidamente à normalidade em termos de mortalidade. Aqui será expectável que em 2023 voltemos a registar aumentos da esperança de vida. E,

nesta situação de controlo da pandemia, o facto de termos uma sociedade grisalha continuará a corresponder a um desafio societal, que era o que tínhamos antes, com uma pequena diferença: como houve uma redução do grupo acima dos 80, isso poderá ter um impacto imediato sobre a sustentabilidade da Segurança Social.

### E num cenário de mais difícil controlo da pandemia?

Se quisermos ser pessimistas – eu espero que não seja assim –, e admitirmos que, mesmo com a vacinação, continuará a haver focos de contágio e que o risco de novas vagas se vai manter nos próximos anos, podemos ter uma atenuação do envelhecimento, mas por factores negativos.

### E os nascimentos?

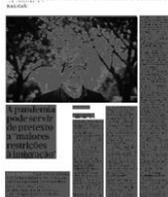
Os nascimentos desceram muito, o que é compreensível por causa do deterioramento da situação económica, que não é mais grave por causa das medidas adoptadas (das moratórias aos apoios à manutenção do emprego), mas que não eliminam a percepção do risco de que a situação económica possa deteriorar-se ainda mais, assim que sairmos desta bolha em que estamos a viver. Aqui, também podemos pôr dois cenários. No primeiro, mesmo admitindo que o período pandémico mais intenso se vai ultrapassar a partir do final do ano, podemos ter ainda assim uma recuperação económica lenta e deficitária, incapaz de criar confiança nas pessoas. Neste caso, a natalidade até pode não descer mas também não sobe e não recupera sequer para os níveis baixos do momento pré-pandemia. Neste cenário, o envelhecimento pela base vai continuar. E o saldo natural negativo vai-se manter, mesmo sem covid-19.

### E no segundo cenário?

É um cenário mais favorável em termos da covid-19 e sobretudo em termos de recuperação económica, em que, com o apoio dos fundos europeus, se consegue retomar o processo de crescimento económico que se estava a sentir, sobretudo a partir de 2015. Se isso acontecer, temos condições para a natalidade voltar a aumentar e, em 2023 ou 2024, pode haver um pequeno *boom* e poderemos aproximar-nos dos 90 mil nascimentos por ano.

### Em 2019, os imigrantes contribuíram com 12% dos nascimentos.

Para essa retoma da natalidade estou a contar com um contributo dos estrangeiros. Se o cenário de recuperação económica for efectivo naquilo que nos é externo (se se retomarem as ligações aéreas, se se perder o receio pelas viagens, se a integração dos mercados de trabalho se



mantiver...), a imigração retomará para valores que progressivamente se poderão aproximar dos de 2018 e 2019, talvez logo em meados da década. E, embora possa continuar a haver emigração de portugueses, designadamente no quadro europeu, as saídas serão com certeza menores do que as entradas, criando um saldo migratório positivo.

**Admite o risco de esta pandemia contribuir para a reafirmação dos estados-nação no contexto europeu, com restrições nos circuitos migratórios?**

Podemos pensar em maiores restrições às migrações para lá da manutenção da pandemia. No lado do mercado de trabalho, porque o desenvolvimento do teletrabalho e a aceleração da robótica ligada à indústria, permitirão continuar a trabalhar para o estrangeiro, só que a partir dos locais de origem. Neste quadro, podem-se reduzir as necessidades do trabalho imigrante presencial. Aí teremos menos entradas, porque os trabalhadores não saem da origem.

**Na construção civil ou na hotelaria dificilmente se adoptará o teletrabalho.**

É verdade que vai continuar a ser

necessária mão-de-obra para a construção civil, turismo e para a distribuição, isto é, para a área em expansão daquilo a que chamamos o capitalismo de plataforma. Estas lógicas de plataforma vão ser, aliás, os nichos onde os imigrantes continuarão a ser recrutados no curto e médio prazo, porque, estando nós mais tempo em casa, acabamos por recorrer a um conjunto de serviços que nos trazem as coisas a casa. E, até pela precarização e inexistência de vínculos, a mão-de-obra imigrante, nas sociedades envelhecidas e mais qualificadas, acaba por encaixar neste capitalismo de plataforma.

**Esta pandemia poderá alterar as lógicas migratórias?**

Sim, no tal cenário de restrição das migrações, a gestão política das migrações por parte dos estados-nação pode impactar todos. Creio que, neste horizonte mais curto, estas experiências de restrição, com a justificação da pandemia é certo, podem ser generalizadas com base na ideia de que temos de fazer mais controlos de saúde e também com o assumir desta ideia de que não são precisos imigrantes porque há uma crise muito forte aí à porta e, em termos

## “A pandemia pode acentuar a ideia de que cada Estado não pode estar dependente do exterior”

de mercado de trabalho, o que temos é de garantir que quem já cá está consegue resistir ao seu impacto. No fundo, a pandemia pode acentuar a ideia de que cada Estado não pode estar dependente do exterior, o que, mesmo no contexto da União Europeia, torna difíceis decisões de conjunto, como temos visto. Tudo isto concorre para pressões internas no sentido nacionalista que depois se traduzem em decisões políticas de maiores restrições à imigração e de maior controlo fronteiriço, com argumentos de controlo de doenças e outros.

**Isto pode agravar-se em cenário de crise e de reforço do populismo?**

Mesmo que os movimentos populistas não acedam a funções governativas, podem passar a ter um peso cada vez maior, levando os governantes a ceder em áreas, como, por exemplo, o controlo migratório. O populismo assenta muito na lógica do desinteresse da classe dirigente face ao povo, relativamente ao qual se reivindica legítimo representante. Mas outra componente dos populismos de direita é responsabilizar um terceiro pelas situações menos favoráveis que se passam no país. Este "terceiro" tanto pode ser a população cigana como a estrangeira e imigrante. E, neste sentido, pode haver uma tentação de os políticos do centro, até para garantirem o seu acesso à governação e evitarem a penetração de discursos mais populistas que geram tensões, tornarem a imigração mais restritiva. Já vimos isso no passado.

**A pandemia poderá aumentar a coesão territorial, com mais gente a optar pelo interior?**

Com a pandemia alguma crítica às cidades grandes ganhou um

elemento de legitimação. Desde logo porque a possibilidade de contágio é maior. E como depois desta pandemia é provável que aconteçam outras, alguns estarão a reequacionar o sítio onde querem viver. De resto, as pessoas já foram experimentando algumas mudanças nos hábitos de vida: foram para casa, saem menos e trabalham a distância. Essa ideia de ter uma vizinhança tranquila, de poder satisfazer a maioria das necessidades numa área de proximidade, de viver numa habitação que não é um apartamento com poucos metros quadrados e sem espaço ao ar livre porque só há marquise, e poder trocar isto pela aquisição de uma casa maior e mais barata, com jardim, numa cidade média, ou mesmo numa vila, torna-se tentadora. Agora, as pessoas estão disponíveis para isto, mas querem saber que, se precisarem de aceder a um hospital melhor, podem lá chegar muito rapidamente; se quiserem deslocar-se ao estrangeiro, têm acesso rápido ao aeroporto. E aqui a redução de serviços públicos no interior português ao longo de vários anos pode ser um obstáculo.